

JB - 27/9/81

“O PERCEVEJO”, SÓ HOJE

O Teatro Dulcina deve apanhar hoje um público numeroso, em despedida e homenagem à provavelmente mais generosa — embora desigual — realização teatral até agora lançada no Rio em 1981: O Percevejo.

A iniciativa de mostrar ao público carioca a contraditória personalidade de Maiakovski, e os cuidados de que a sua concretização foi cercada, não só na curiosa mescla de teatro e cinema levada ao palco, mas também através do excelente material reunido no programa, da exposição instalada no saguão e de debates realizados com expoentes de diversos setores da vida brasileira — tudo isto fez com que a encenação que hoje sai de cartaz contrastasse expressivamente com a preguiça mental, a busca do lucro fácil e a incompetência amadorística que dominam, com poucas exceções, a atual temporada.

QUEM FISCALIZA AS SAUNAS?

O JB publicou esta semana, com destaque, a notícia de que a Prefeitura é responsável pela fiscalização do correto funcionamento do ar condicionado nos cinemas, e que uma sala da Tijuca foi multada por ter desligado o seu sistema de refrigeração no meio de uma sessão.

E quem será que vai responsabilizar-se pela coibição de abusos idênticos nos teatros cariocas, que costumam ser cometidos a torto e a direito?

Foi o que aconteceu, por exemplo, sem que ninguém protestasse, na estréia de *O Assalto*, no Teatro da Galeria, quarta-feira passada.

NO PARQUE LAJE

No teatrinho da Escola de Artes Visuais do Parque Laje termina hoje a temporada do espetáculo *Já Escutei Essas Palavras Não Sei Onde e começa, sábado que vem, a de Teatro Relâmpago: dois espetáculos que dificilmente conseguiriam outro local para as suas apresentações.*

Criando um espaço aberto para os trabalhos dos grupos e dos espetáculos mais assumidamente alternativos, a EAV tem prestado um valioso serviço à faixa jovem do teatro carioca. Felizmente, os recentes entendimentos entre a Secretaria de Educação e Cultura do Estado e o IBDF parecem ter assegurado a permanência da Escola no Parque Laje; qualquer outra organização que viesse a ocupar o prédio dificilmente se empenharia em manter a movimentação teatral que ali se instalou nos últimos tempos.

A GRAÇA DA “MULHER DESASTRADA”

Entre os numerosos espetáculos de grupos jovens estreados nas últimas semanas, destaca-se *In Certos Casos*, até 4 de outubro no Teatro Experimental Cacilda Becker;

e entre as seis minipeças que compõem a coletânea, há pelo menos duas pequenas jóias:

A Pão e Água, de Wilson Sayão, e

O Eclipse da Mulher Desastrada, de Mauro Rasi.

UM ALIADO QUE FALTA

É uma pena que o metrô, que agora passa a ocupar um papel importante na vida da cidade, não possa tornar-se, como tradicionalmente é nas grandes capitais do mundo, um aliado do teatro:

encerrando o seu funcionamento às 23h, ele não pode servir de prática alternativa de transporte aos frequentadores dos teatros. E aos domingos, para a maioria das casas de espetáculos o único dia da semana em que há sessões vespertinas, o metrô não funciona em horário algum.

Quem sabe valeria a pena os teatros do Centro, que são os que mais poderiam beneficiar-se da nova opção de transporte, experimentarem antecipar o início das suas sessões para as 20h30m, oferecendo assim a uma respeitável parte dos seus frequentadores um alívio na sucessão de desconfortos que uma ida ao teatro representa hoje no Rio?

Yan Michalski